

## **Aspectos da palavra criadora na ação de contar: a memória da origem**

Benilton Cruz  
Universidade Federal do Pará

Uma das primeiras idéias que se tem de mito é aquela que se ajusta, talvez, a um preconceito do chamado homem civilizado ocidental: o de que o mito procede a uma maneira de pensamento primitivo. Esta que tem sido uma visão “evolutiva” e quem sabe até “naturalista”, em seus sentidos menos científicos, sobre a análise do fenômeno mítico, desenhou algumas teorias que na verdade não adentram ao sentido real que o mito possa ter. Isto que se dá por se ter estudado mais as próprias divagações provocadas pelo mito do que o mito em si. O verdadeiro conhecimento sobre esse tema tão antigo e ao mesmo tempo tão desconhecido não tem sido satisfatório. Há mais explicação do que investigação. E isso dentro dos estudos que por modismo intelectual ou reducionismo se multiplicam sobre os fenômenos de nossa imaginação sem avaliar a essência do problema.

Para isso se deve ressaltar que a idéia de mito a ser analisada aqui não será aquela que o vê como uma espécie de fóssil do pensamento, ou estrutura primária da racionalidade em relação a um estado evolutivo pré-lógico do pensamento. Não será aquela que tem o mito como retorno ao estado ctônico da origem do homem. Ou o do mito como um procedimento de linguagem observável somente nas comunidades primitivas, ou melhor, em estados primitivos da linguagem.

A idéia de mito que se quer seguir aqui será, pelo menos, a de ação da palavra criadora, quando mito é encarado como um discurso, um ato criativo da fala, em seu aspecto criador de linguagem. E, para isso, o mito não será apenas contar o mundo, mas habitar com ele, em um envolver que, ao criar

sobre alguma coisa, cria a si mesmo, possibilitando ao homem recursos de domínio da linguagem e sua ordenação ao cosmo. A palavra originária, criadora e fundadora do mundo. O ato fundador como um ato da palavra. Arquitetura do possível: a mitopoesia.

Este estudo se propõe a analisar o mito, na ação da oralidade, em relação com a palavra criadora, investigando a recorrência de uma mitopoesia dentro da ação de contar. Entendendo mito como “o discurso que diz, no jogo de velar e desvelar, a humanidade do homem, que dimensiona – pela linguagem – as questões essenciais da condição humana.” (Pandolfo, 51, 1983) o que é, em termos, uma leitura de mito a partir de Claude Lévi-Strauss, aquela que exige a decifração de um discurso como uma espécie de enigma sobre um código simbólico cujas pistas são dadas pela própria linguagem.

Esquece-se, aqui, a idéia de mito ligada a uma “*fábula que relata a história dos deuses, semideuses e heróis da Antigüidade pagã, [ou] a interpretação primitiva e ingênua do mundo e de sua origem*”<sup>1</sup>, que é talvez a idéia mais generalizada de mito que se tem estudado, principalmente, no ensino médio. A condição da palavra como signo de poeticidade que se observa nos mitos será mais relevante ainda em uma investigação que não se propõe de maneira profunda e científica, mas pelo menos de ação de conhecimento sobre a palavra criadora a partir do mito enquanto discurso. Enquanto a fala que conta, que narra, sob o poderoso liame da palavra suas simetrias e correspondências com o mundo.

## II

“Deus é grande, mas o mato é maior”  
Adágio popular dos  
caboclos da Amazônia

Dentro da *Oficina de Texto: Produção e Recriação a partir de Narrativas Oraís da Amazônia Paraense* tem-se objetivos de pesquisa que se relacionam com o estudo sobre mito e a palavra criadora na ação de contar. Como um sub projeto do programa IFNOPAP, *O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense*, da UFPA, a Oficina de Texto tem como objetivo geral dinamizar um processo de produção a partir das narrativas orais populares paraenses catalogadas pelo programa. Este processo, sendo criativo, direciona a escrita como o lugar onde mundo e palavra se encontram. Um dos temas abordados é a espontaneidade de fazer girar o mundo que se conta nas narrativas, no envolver de duas ações ao participante da Oficina: o ato de ler as narrativas transcritas com o ato de escrever textos a partir das histórias presentes nessas narrativas.

A prática de produção da Oficina consiste em explorar das narrativas orais o embasamento temático para se produzir textos escritos, ou seja, na identificação do mito, da lenda, da fábula, da mentira, da pilhéria, da ficção, e do imaginário do homem amazônico paraense, possibilita-se ao participante da Oficina recursos de elaboração de textos escritos que envolvam tais presenças em um acontecer não mais preso ao aspecto de audição das narrativas, e sim à criação de texto escrito, em seu aspecto visual, para, de acordo com a necessidade, fornecer esses textos à publicação em revistas ou livros didáticos que enfatizem a realidade do estudante da região.

Foi de acordo com essa prática que se escolheu uma narrativa que adentra ao objetivo deste artigo, na verificação da palavra criadora dentro da ação de contar. A narrativa a seguir foi recolhida por dois bolsistas do programa IFNOPAP de

Castanhal, cidade do interior do Pará, e foi transcrita, com o cuidado de se manter a integridade da narração, pelos mesmos estudantes que, depois, remeteram-na ao Laboratório de Ciências da Linguagem da UFPA, onde se encontra a sede do programa do IFNOPAP. Este procedimento é para se manter o acervo de narrativas orais da Amazônia paraense que, no momento, dispõe de aproximadamente mil narrativas catalogadas.

#### Narrativa 447

Informante: Manoel da Silva Alves,  
78 anos, agricultor aposentado, reside  
em Castanhal, PA.

*Existia muitas pessoas que falavam com tristeza a fim de descobrir a cidade, tem um lugar no meio do mato, tem uma pedras que chamam de Canta Galo. Ali eles ouviram os movimentos da cidade do Canta Galo, de movimentos e de coisas no fundo do mar.*

*— Ainda tem esta pedra lá, não sei se canta mais, né? Porque redobrou o encanto. A princesa falou com o rapaz, e disse que ela vinha feito em uma cobra com ramo de flores na boca e, quando a onda chegasse na beira da praia, ela ficaria seca, era para ele tirar aquele ramo de flor da boca e pronto, desencantava a cidade.*

*Mas, o rapaz não teve coragem. Ele foi, viu a cobra, ele ficou na beira com o ramo de flor, mas ele não teve coragem de tirá-la, ela voltou e disse que tornava a voltar ainda, outra vez, mas era mais ruim.*

*Aí, disse que vinha, vinha feito numa peça de fazenda em cima da onda. E quando a onda jogasse a peça da fazenda em cima da areia, era para o rapaz pegar numa ponta da peça e colocar no ombro e correr para a pedra. Aquela peça de fazenda ia se desenrolando e, aí ia desencantando a cidade, mas não era pra olhar para trás.*

*Aí ele fez, de fato, veio a onda, jogou a peça de fazenda, ele foi e pegou, jogou no ombro e correu para trás. Quando o homem chegou bem no meio da praia que ia se desenrolando, ele olhou para trás e viu aquele movimento já de carruagem, muito movimento. Ele foi olhar para trás, pronto aí nunca mais apareceu.*

O mito de cidades perdidas na Floresta Amazônica é freqüente. São famosas as histórias da cidade de “Eldorado”, por exemplo, no domínio do imaginário e na ambição por riquezas escondidas na Amazônia, como fortunas inimagináveis, que desde o século XVI perturbam as cabeças de aventureiros.

Pelo menos de histórias de cidades encantadas que se ouvem no Pará é destacada a de “Vila Pedra”<sup>2</sup> - que é muito contada pelos moradores de Irituia, município paraense que fica ao leste de Belém, a 118 km, em linha reta. Uma outra história de cidade encantada é a da Cidade de Canta Galo que parece pertencer ao imaginário dos moradores dos arredores de Castanhal (PA).

Antes de se iniciar o estudo da palavra criadora dentro da ação de contar a partir da narrativa acima, é interessante destacar que a história *Cidade de Canta Galo* pode ser, de antemão, relacionada com pelo menos outras três narrativas míticas conhecidas do Ocidente. A lenda de Deucalião e Pirra, a de Orfeu, e a de Ló e sua família em fuga da destruição de Sodoma (Gen. 19: 17).

Com a primeira narrativa, a lenda de Deucalião e Pirra, é porque as palavras pedra e homem, em grego, se aproximam etimologicamente e simbolizam algo em torno da ação da palavra criadora, como vai ser visto adiante; a segunda, a lenda de Orfeu; e, a terceira, a narrativa que conta a fuga de Ló e sua família da destruição de Sodoma, estão até mais próximas da narrativa da Cidade de Canta Galo porque uma parte da lenda de Orfeu diz respeito a uma proibição “o não olhar para trás” - o mesmo que se observa com a esposa de Ló, que por olhar para trás, sofre,

como Orfeu, da experiência de não reconhecer a perda, a dolorosa experiência da negação.

Dessas três lendas será estudada apenas a de Deucalião e Pirra em relação à narrativa da Cidade de Canta Galo. Primeiro por uma questão de espaço, pois são histórias que se constituem em um riquíssimo material de pesquisa. Segundo porque no confronto entre essas duas narrativas há elementos suficientes para se questionar o comportamento da palavra criadora na ação de contar.

### III

#### Por quem as pedras cantam

Ernst Cassirer, no livro que no Brasil teve o nome de *“Linguagem e Mito”*, reflete sobre as proposições de Max Müller a respeito do som como importante constituinte da palavra a partir de uma lenda grega.

*Deucalião e Pirra, que depois de salvos por Zeus do grande dilúvio que exterminou o gênero humano, converteram-se nos progenitores de uma nova raça, ao atirarem por sobre os ombros pedras que se transformavam em seres humanos. Tal origem dos homens, a partir da pedra, é algo simplesmente incompreensível, e parece resistir a toda uma interpretação; mas ela não seria imediatamente concebível se recordássemos que, em grego, os homens e as pedras se designam pelos mesmos nomes, ou pelo menos, de som semelhante; que as palavras *laoi* e *laaz* se evocam por sua consonância?*

A etimologia grega aponta certa semelhança entre as palavras “homem” e “pedra”, uma espécie de isomorfismo da língua, o que é importante na relevância de som e significado. A posição de Cassirer a respeito da lenda de Deucalião e Pirra

assemelha-se à do estudo de Lévi-Strauss na comparação entre som e significado como constituição de profunda importância na linguagem.

Na narrativa *A Cidade de Canta Galo*, a comparação etimológica entre as palavras “pedra” e “canta” apontará que ambas as palavras em português não podem chamar por um mesmo nome, não há nem semelhança de som. Entretanto há na frase “não sei se [a pedra] canta mais” um estranhamento de proposições (a pedra que canta) que é típico da poesia, aliás nesse caso, da mitopoesia que, investigando-se a fundo, pode-se observar a ação da palavra criadora no estranhamento de proposições, no choque de palavras que aparentemente não tem nada a ver.

Por quem ou por que a pedra canta? A pedra canta porque o seu canto traduz-se em uma espécie de memória da origem, revela-se como a ponte que resta entre o homem e o útero da mãe universal. Da lenda de *Deucalião e Pirra* é bem mais claro um estado cosmogônico em potencial: o das pedras que se transformam em homens, como se observa em um dos textos acerca de Deucalião (grego *Deukalion*) que, filho de Prometeu, também sofreu da cólera de Zeus.

*Encolerizado com os crimes dos homens, Zeus tomou a decisão de aniquilá-los por meio de um dilúvio. Deucalião, alertado por Prometeu, construiu um barco para si mesmo e para sua mulher Pirra, no qual o casal salvou-se do dilúvio; quando as águas baixaram ambos desembarcaram no monte Parnassós. Deucalião e Pirra foram advertidos por um oráculo de que deveriam lançar por cima de seus ombros “os ossos de sua mãe”. Percebendo que o oráculo se referia às pedras da Mãe-Terra, eles obedeceram, e das pedras lançadas por Deucalião surgiram homens e das lançadas por Pirra surgiram mulheres.<sup>3</sup>*

Estilhaçada e sobrevivente, como o próprio mito grego da origem dos homens, a narrativa da *Cidade de Canta Galo*,

como um caso contado na Amazônia se torna o próprio mistério e com ele se funde – a pedra, “os ossos” da Mãe-Terra, canta como um ser condenado à existência eterna (pois o encanto redobrou), no “meio do mato” ou no “fundo do mar”. Na lenda grega são os homens que nascem da semente de Deucalião e Pirra, de sementes que na verdade são pedras, o fruto da terra, da lama primordial após o dilúvio purificador.

A relação homem/mundo e linguagem vai se estabelecendo na ação de contar, dentro da dimensão poética que a própria comunidade assume com a sua voz coletiva e anônima ao narrar a memória de uma criação, no caso da lenda de origem dos homens de *Deucalião e Pirra*, ou o estranho canto dos poderes imutáveis, presente na narrativa da Cidade de Canta Galo. A linguagem será “fluida, aberta, dotada de mobilidade e de capacidade de renovação constante”<sup>4</sup>, com “as próprias palavras”, desde que se conheça os seus segredos, envolvendo o homem nas suas correspondências com a terra e a sua significação em uma só ação: o ato de contar. Nada disso aconteceria se não houvesse a quebra da palavra. O que ocorre quando a linguagem rebenta a centelha de criação no próprio entrecocar da palavra “pedra” e “homem” ou das palavras “pedra” e “canta” em todo um mundo onde se vive porque a ele se está unido.

Outra frase marcante da narrativa 447 é “de coisas do fundo do mar”, desta vez não como mitopoesia, mas como marca de um aspecto recorrente das lendas da Amazônia: o fundo como algo que envolve o desconhecido, o limite do conhecimento, e mesmo a morada de seres mitológicos, como a Cobra Grande, o Boto, a Iara. No fundo do rio, da baía, da floresta, do igarapé, do poço, “do mar” - como é citado na história de Canta Galo - está o que é intocável, o que não se pode mexer, violar, aventurar, conhecer. Deus é grande, mas o mato é maior, o “fundo” é maior, o desconhecido é maior.

#### IV

O ato de criação é a memória da origem. É quando o homem age o seu mundo. E tem sido assim desde os primórdios dos tempos, quando isso que hoje chamamos de cosmogonia era o próprio homem e as suas criações, era a maneira de perceber que a ordem do homem no mundo é a da criação. O mito é pois criação. Nos dias atuais, na era da escrita, quando sucede-se a antropologia à cosmogonia, sucede-se, também, lentamente, dos mitos às formas de conhecimentos modernos aquilo que ao homem primitivo era a base de praticamente uma variada forma de princípios de conhecimentos dos quais hoje estariam, com certeza, inseridos na teologia, na cosmologia, na astrologia, e na epopéia. Ou seja, a criação que passa à explicação perdendo o seu caráter de complementaridade com o mundo.

Queremos sempre saber de nossa origem e isso não é novidade. Pelo menos para o mito que é sempre um mergulho nas origens. Nesse caso o mito se passa como uma curiosidade sobre o passado, tornar o passado compreensível antes mesmo de ser explicação deste. Queremos sempre saber para onde vai a humanidade e isso também parece não ser novidade se se observar que o mito conta “o nascimento de coisas novas num mundo já existente”<sup>5</sup>, então o mito seria, também, o que narra o futuro. Se o mito se constitui como a ação da palavra criadora a partir do homem e seu mundo em tempos remotos, o mito também pode ser a base da qual se cria o futuro, se se compreende que o mito foge ao domínio do tempo, quando estabelece um tempo próprio, aquele que não está nos verbos da narrativa usados no passado, mas na fala indireta que possibilita essa transgressão – transgressão que é o princípio básico da criação.

O mito, então, ao aprisionar o tempo em suas teias de linguagem, não seria uma espécie de memória da criação do mundo que se cria com linguagem. E o próprio futuro será, ao se recontar o mito, um recontar da criação, um estar presente que o prolonga e o faz existir, e um estar no futuro é um regressar ao começo do mundo quando o mito é contado. É um estar dentro

do mito. O mito, assim, não será forma feita, mas a forma por se fazer.

Fragmentada a narrativa mítica, não desaparece o mito porque este “é o modelo de toda criação que há de vir”<sup>6</sup>. Na relação mito e criação nada se perde porque em toda recriação revivemos a imaginação de Prometeu. Aliás o mito se assemelha a um Prometeu anônimo: dá às palavras um fogo inextinguível – a primeira criação que não se esquece.

Uma idéia, talvez, menos preconceituosa (e que este estudo defende) de mito é aquela que entra na discussão do jogo: a palavra criadora e mantenedora do mundo. O homem criativo e criador dentro dos segredos da linguagem a constituir o mundo. E nesse jogo entra em conformidade com o ato de contar porque o mito é história de criação, uma narrativa que sonha. E nessa constituição de mundo o mito se faz épico no envolver da ação da palavra criadora e sua indissolúvel marca de origem, o batismo da presença do homem no mundo, no cosmo (do grego ‘harmonia’), pela palavra.

Para ser a parte do homem que o interage com linguagem e seus efeitos na conquista de um mundo, o mito envolve a comunidade porque o percorrer do homem no mundo refletirá num percorrer na linguagem. Quando Walter Benjamim escreve que “*se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar*” quis dizer que também aquele que adentra o mundo começa a conhecer seus segredos. Adentrar em uma floresta, como faz um ribeirinho na Amazônia, não deixa de ser algo como aventurar-se aos perigos do mar, como faziam os navegadores gregos, o que não deixa de ser algo parecido com o mito, ou seja, “velar e desvelar”. O lado épico das narrativas míticas narra que o próprio mito assemelha-se a um adentrar em uma harmonia. Um envolver-se de complementaridade sob um embrião da fala concebido pela imaginação humana e que vai moldar a linguagem não somente com a comunidade, mas também com o cosmo.

## N O T A S

- <sup>1</sup> Dicionário Balsa da Língua Portuguesa: São Paulo, Encyclopaedia Britannica Editores, 1981. p. 725.
- <sup>2</sup> Esta lenda recolhida com muita parcimônia encontra-se na monografia premiada “Amazônia Mitos e Lendas”, do Sr. Ararê Marrocos, editada, pela Telepará de Belém, e pelo Centro de Arte e Folclore da Amazônia, CECAFAM, em 1985.
- <sup>3</sup> HARVEY, Paul. Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 161.
- <sup>4</sup> Jolles, A. Formas simples. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 175
- <sup>5</sup> Ricoeur, Paul. et al. Grécia e mito. Trad. Leonor R. Vieira. Lisboa: Gradiva, 1988, p. 27.
- <sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 199.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. Mitologias. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221
- BÍBLIA Sagrada. Edição Ecumênica Barsa. [Com notas e um completo Dicionário da Bíblia]. Rio de Janeiro - São Paulo, Encyclopaedia Britannica Editores, 1977, (Gênesis, 11: 1-9)
- CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito. 2. ed. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schneiderman. São Paulo: Perspectiva, Série Debates, 1985. p. 15-31.
- DICIONÁRIO da Bíblia. Babel. In: Bíblia sagrada: edição ecumênica barsa. Rio de Janeiro - São Paulo: Encyclopaedia Britannica Editores, 1977. p. 19.
- HARVEY, Paul. Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1987. p. 179-180; 279-280; 328; 368; 479.
- JOLLES, A. Formas simples. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 181-204.
- LE GOFF, J. "Histoire et memoire". Paris: Gallimar, 1981. In: Enciclopédia einudi, v.1. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. p. 11-50.
- LENDAS e Mitos da Amazônia: Concurso de Monografias "José Coutinho de Oliveira". Rio de Janeiro: s. n. 1985.
- MARROCOS, Ararê. Amazônia, mitos, lendas. Belém: Telepará e Centro de Arte e Folclore da Amazônia. CECAFAM, 1985.
- MATSURA, Oscar Toshiaki. "A consciência do cosmo". In: Humanidades 11. Brasília: (nov/jan) 86/87, p. 27-37.
- NARRATIVA 447 do IFNOPAP (Imagário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense). Informante: Manoel da Silva Alves, 78 anos, agricultor aposentado, residente em Castanha, PA.
- OLSON, David R. e TORRANCE, Nancy. Cultura escrita e oralidade. Trad. Valter Siqueira. São Paulo: Ática, 1995.
- PANDOLFO, Maria do Carmo Peixoto. Estrutura e mito: introduções e posições de Lévi-Strauss. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.
- RICOEUR, Paul. et. al. Grécia e mito. Trad. Leonor R. Vieira. Lisboa: Gradiva, 1988. p. 09-41.
- SCHÜLER, Donald. "O mito em crise". In: Cultura grega clássica. Organizado por Loiva Otero Félix e Miriam Barcellos Goettens. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989. p. 9-15.
- STEINER, George. Linguagem e silêncio: Trad. Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.